

MOTIVAÇÃO E DESMOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

MOTIVACIÓN Y DESMOTIVACIÓN EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA: UN ESTUDIO EXPLORATORIO

MOTIVATION AND DEMOTIVATION IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: AN EXPLORATORY STUDY

Maria Fernanda Santos e Campos¹
Eliene Lopes Faria²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar o tema motivação e desmotivação dos estudantes do final do ensino fundamental 2 nas aulas de educação física, em uma escola pública municipal, localizada na cidade de Belo Horizonte. O público-alvo foram estudantes do 8º e 9º anos. Se analisados de forma isolada, os dados parecem sinalizar uma grande desmotivação dos alunos para as aulas de EF. Contudo, quando comparamos esses dados com a motivação para estar na escola, foi possível observar que considerável parte da desmotivação dos alunos acontece por conta da instituição 'escolar' e não pela aula de educação física propriamente dita.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação; Desmotivação; Educação Física.

RESUMEN

Este estudio busca explorar la motivación y la desmotivación de estudiantes de los últimos años de primaria en las clases de educación física de una escuela pública municipal de Belo Horizonte. El público objetivo fueron estudiantes de 8.º y 9.º grado. Analizados de forma aislada, los datos parecen indicar una desmotivación significativa de los estudiantes hacia las clases de educación física. Sin embargo, al comparar estos datos con la motivación para asistir a la escuela, observamos que una parte significativa de la desmotivación estudiantil se debe a la propia institución escolar, no a la clase de educación física en sí.

PALABRAS CLAVE: Motivación; Desmotivación; Educación Física.

ABSTRACT

This study aims to explore the motivation and demotivation of students in the final years of elementary school in physical education classes at a municipal public school in the city of Belo Horizonte. The target audience was 8th and 9th grade students. Analyzed in isolation, the data seem to indicate significant student demotivation for PE classes. However, when we compare these data with motivation to be in school, we observe that a significant portion of student demotivation is due to the "school" institution itself, not the physical education class itself.

¹ Especialista em Educação Física pelo CP/COLTEC - UFMG , Professora da Rede Municipal de Belo Horizonte - SMED/PBH, E-mail: maria.f.campos@edu.pbh.gov.br

² Doutora em Educação pela FAE-UFMG. Professora do Coltec-UFMG, Email: elienelopesfaria@gmail.com

KEYWORDS: Motivation; Demotivation; Physical Education.

Introdução

As experiências ao longo da carreira docente têm nos permitido perceber uma diminuição do interesse (motivação) dos estudantes pelas aulas de EF a partir dos anos finais da Educação Básica. Parece existir, então, uma relação entre o avançar da escolaridade e a desmotivação para as aulas desta disciplina escolar. Este artigo tematiza motivação e desmotivação. Assim, algumas perguntas estruturam o trabalho: Os estudantes estão motivados para as aulas de EF? O que desmotiva os(as) alunos(as) a participarem das aulas de Educação Física (EF)? Essas são indagações feitas diante de um cenário bastante atual, principalmente, durante os anos finais da escola.

Bzuneck e Sales (2011) descreveram que a motivação é entendida ora como um fator psicológico, ora como um processo. Tais fatores levam a uma escolha, instigam, iniciam um comportamento rumo a um objetivo. Além disso, também apontam que o elemento crítico do impacto sobre a motivação reside nas atribuições causais pelo evento, mais especificamente em virtude das características da causa avocada. Com isso, dissertam que emoções específicas, positivas ou negativas, surgirão em decorrência da causa que o estudante atribuir àquele evento, fazendo com que ele possa se sentir motivado ou desmotivado de acordo com o que a aula causou nele, podendo se isolar e evitar as tarefas de aprendizagem ou ficar mais interessado por praticar determinada atividade. Mas de quem será o papel de motivador?

Cabe à escola e ao professor o papel de formar os alunos para que desenvolvam comportamentos proativos diante dos desafios escolares. Conhecer o que um grupo de professores pensa sobre o ensino e a seleção de estratégias para ensinar e atingir os objetivos propostos, considerar o contexto escolar, a organização dos espaços, as pistas atribucionais fornecidas pela escola e pelo professor em sala de aula e identificar o perfil motivacional e estratégico dos alunos do ensino fundamental que participaram da presente pesquisa possibilita ampliar os conhecimentos sobre o importante papel do professor na organização de um ensino de qualidade.” (MOREIRA; OLIVEIRA; SCACCHETTI, 2016, s/p.)

As motivações podem ser individuais ou sociais, dependendo de diversos fatores.

Segundo Lieury & Fenouillet (2000, p.9):

...a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade.

Essa definição de motivação é importante, mas precisa ser complexificada. Afinal, ela tem fortes relações socioculturais. As pessoas não são naturalmente mais motivadas para realizar determinadas práticas. As pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas, mostram os complexos fatores que interferem nos processos de participação e de motivação/desmotivação para a realização de determinadas atividades. Por exemplo, podemos citar no caso do Brasil o grande envolvimento das pessoas do sexo masculino - o oposto do que acontece com essa prática nos EUA (quando as mulheres são as que dominam nesta prática). Os fatores acima destacados podem nos ajudar a produzir novos questionamentos: Teria o gênero uma correlação com as motivações e desmotivações nas aulas?

O presente estudo tem como objetivo tematizar motivação e desmotivação nas aulas de EF. Compreender os fatores que envolvem essa questão pode auxiliar os docentes da disciplina na produção de estratégias para lidar com esse aspecto da prática escolar, bem como favorecer as possibilidades de inclusão escolar. A intenção é, então, compreender como os estudantes se sentem quanto às aulas, focando naquilo que os motiva e o que os desmotiva. Um maior aprofundamento nesse assunto exige, entretanto, uma demarcação do nosso entendimento do que seja a Educação Física.

A Educação Física (área de conhecimento escolar) é parte do currículo das escolas brasileiras. Conforme a Nova LDB, nº 9.394/96, § 3º, “a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular da Educação Básica ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar [...].” Não há, portanto, como falar da Educação Física sem demarcar esse lugar denominado escola. Em outras palavras, para compreender essa instituição social denominada escola é fundamental a sua inserção crítica nesse contexto. É partindo desse pressuposto que tomamos a escola como ponto de partida.

A escola – instituição criada para perpetuar saberes, conhecimentos, normas,

práticas, etc. – é uma construção histórica resultante da pluralidade de dispositivos científicos, religiosos, políticos e pedagógicos (CARVALHO, 1998). Não sendo um espaço social isolado, a escola dialoga com outras dinâmicas culturais, ao mesmo tempo que tematiza/elege como objeto de ensino a cultura. Como afirma Jean-Claude Forquin (1993), entre educação e cultura há uma relação íntima, orgânica, pois a escola seleciona alguns elementos da cultura para transformar em objeto de ensino.

A relação escola e cultura não é, entretanto, uma relação mecânica. Ainda que os conhecimentos e práticas selecionados demarquem hierarquias socioculturais na legitimação dos saberes que constituem a versão autorizada da cultura, a escola não cumpre mera tarefa de conservação e transmissão cultural. É que, ao se apropriar dos conhecimentos e práticas culturais, a escola (os sujeitos) o faz imprimindo suas marcas, práticas, sentidos, valores, significados, etc. Isso permite afirmar o cotidiano escolar como espaço de produção humana e, também, reinvenção da cultura. Ou seria a escola o único espaço social no qual a cultura não é contestada, apropriada e reconstruída? Mas, se a cultura é reproduzida/produzida dentro e fora da escola, o que caracteriza a experiência escolar? Essa questão permite problematizar as especificidades dessa instituição. Para isso, é de grande interesse o conceito de forma escolar, que coloca em foco “práticas constitutivas de uma sociabilidade escolar e o modo, também escolar de transmissão cultural” (CARVALHO, 1998, p.2). Segundo Guy Vicent, Bernard Lahire e Daniel Thin (2001), no que se refere à escolarização, foi possível assistir à constituição de “formas relativamente invariantes (isto é, recorrentes) de relações sociais” – “certas formas escolares de relações sociais”. Segundo os autores, a emergência da forma escolar “se caracteriza por um conjunto coerente de traços”, dentre os quais destacam: a “constituição de um universo separado para a infância; a importância das regras na aprendizagem; a organização racional do tempo; a multiplicidade e a repetição de exercícios, cuja a única função consiste em aprender conforme as regras” (VICENT; LAHIRE; THIN, 2001, p.38).

É importante dizer que as últimas décadas foram determinantes para a construção de um rol de conhecimentos sobre a escola capazes de dar relevo à organização escolar (aos não-ditos impressos nos seus tempos, espaços, ornamentos, regulamentos) como um currículo e revelando a especificidade do tipo de relação social que fundamenta a

aprendizagem na escola. Contudo, a imagem de escola encerrada na passividade, como mera receptora e transmissora da cultura, com capacidade de controlar totalmente as práticas vividas e de determinar as relações sociais cotidianas, parece ser insuficiente para explicitar a sua dinâmica interna.

A escola como espaço sociocultural (DAYRELL, 1996) é, também, espaço de vida, de tensão, de diferentes tipos de relações sociais de aprendizagem (não apenas a forma escolar), de invenção e de produção da cultura, de sujeitos – ainda que num jogo desigual de relações de forças. Na escola ocorrem práticas sociais contraditórias e ambíguas. Contudo, o papel dos educadores/educadoras é de participar desse processo propondo novas possibilidades de interpretação, vivência e fruição da cultura na escola. Essa construção permanente deve fazer parte de um projeto educativo, ou seja, deve ser intencional/propositivo.

Dito isso, é importante sinalizar que compartilhamos da compreensão de Educação Física como “área de conhecimento escolar” que realiza sua intervenção pedagógica tendo como objeto de ensino a cultura corporal de movimento (BRACHT, 1997). Entendemos, portanto, que o que torna a Educação Física singular é que ela é o espaço/tempo escolar em que os elementos da esfera da cultura corporal de movimento são tematizados: os esportes, os jogos, as danças, as ginásticas, as lutas, as brincadeiras, entre outros temas – colocados no plural, no sentido de serem produzidos pela humanidade e parte do seu patrimônio cultural, mas também pela pluralidade de sentidos/significados, sendo jamais fixos, acabados, estáticos e homogêneos. Na perspectiva da cultura corporal de movimento os conhecimentos são interpretados no plano da cultura, sendo entendidos como produtores de sentidos mediados simbolicamente. Essa escolha vai implicar desdobramentos importantes na prática pedagógica da Educação Física, ou seja, as práticas corporais de movimento passam a ser estudadas/experimentadas na escola “como uma complexa estrutura social de significados em contextos e processos históricos específicos” (BRACHT, 1997, p. 17). Movimentos de sujeitos que agem, constroem, mas que são parte de uma teia, sendo a cultura entendida como preexistente aos sujeitos e ao mesmo tempo produzida/reproduzida pelos sujeitos (Gomes, 2000).

É a partir desses pressupostos sobre a EF e sobre a instituição escolar que empreendemos uma investigação sobre o tema da motivação e desmotivação nas aulas desta disciplina.

Metodologia

Em 2024 realizamos uma pesquisa sobre o tema da motivação e desmotivação nas aulas de EF em uma escola de Belo Horizonte. A escola escolhida é da rede municipal de Belo Horizonte, localizada na região de Venda Nova. É importante sinalizar que a escola em questão é a instituição que a professora Maria Fernanda (uma das autoras deste artigo) trabalha e que essa decisão foi pautada em alguns aspectos facilitadores da realização da pesquisa: sobretudo, o acesso. Embora sob o risco de que estar imersa pudesse comprometer a produção dos dados, pesquisar na própria escola permitiu conciliar aspectos fundamentais para esta pesquisa: seja na deliberação para a sua realização na escola; seja na possibilidade de conciliar trabalho e pesquisa (a falta de tempo é um problema real para os professores que querem investir em pesquisa); seja pela possibilidade de trânsito facilitado com os estudantes e demais sujeitos escolares.

Esta é uma pesquisa qualitativa, que utiliza como ferramenta questionários. Os questionários em formato escrito foram escolhidos por causa da facilidade de aplicabilidade e, também, porque ele poderia nos dar retorno sobre o objeto da pesquisa. A coleta de dados foi feita presencialmente em 8 turmas, sendo 5 de 9º ano e 3 de 8º ano. O questionário impresso foi aplicado para os alunos na sala de aula durante o horário da aula de educação física –metodologia escolhida por facilitar a realização da coleta. No processo de aplicação do questionário os estudantes tiveram explicações sobre o objetivo da pesquisa e, também, de que o questionário não se tratava de uma atividade avaliativa. A intenção era que os estudantes pudessem ser os mais sinceros possível. Inicialmente, entretanto, as turmas reagiram com certa estranheza; parecia que nunca tinham passado por isso. Contudo, ao longo das explicações os estudantes conseguiram compreender melhor o que estava sendo pedido e, assim, conseguiam participar respondendo às questões propostas.

Com 03 questões abertas e 04 questões fechadas, as perguntas elencadas no questionário foram: Você gosta de fazer as aulas de EF? Como você se sente no horário da aula de EF? O que te deixa motivado para fazer a aula de EF? O que te deixa desmotivado

para fazer a aula de EF? Quais conteúdos você mais gosta de fazer nas aulas de EF? Quais conteúdos você menos gosta de fazer nas aulas de EF?

Para fazer análise dos dados transcrevemos todas as respostas em um documento online e tabulamos os dados. Também optamos por fazer um levantamento das respostas dos meninos e das meninas para analisar se a perspectiva de gênero era algo a se prestar atenção. Participaram da pesquisa 187 estudantes, entre 13 e 16 anos: 99 meninos e 88 meninas. A coleta foi dividida em dois momentos. Inicialmente apenas os estudantes de 04 turmas fizeram o questionário. O objetivo era testar o instrumento, ou seja, tentar perceber possíveis pontos relevantes que poderiam ser revistos no instrumento. Neste momento uma nova pergunta foi incluída: Você se sente motivado/gosta de ir para à escola? Tal pergunta ajudou a entender que nem sempre a motivação e desmotivação manifesta nas aulas de EF está nela circunscrita.

Sobre motivação e desmotivação nas aulas de EF

A pesquisa apresentou dados interessantes referentes ao tema da motivação e desmotivação nas aulas de EF. Na primeira análise dos dados a pergunta aberta indagando aos estudantes sobre o que os desmotiva nas aulas, percebemos uma grande quantidade de respostas apontando questões externas às aulas como fatores desmotivadores, tais como: preguiça ou cansaço de ir para escola. Esse foi o motivo que nos levou a acrescentar mais uma pergunta ao questionário: “Você se sente motivado/gosta de ir à escola?”. As respostas foram: 20% dos estudantes gostam e se sentem motivados para ir para a escola; 25% não gostam de ir à escola, 18% gostam da maioria das aulas, 33% gostam apenas de algumas aulas e 4% não gostam da maioria das aulas. É um dado importante o fato de que 30% dos estudantes não gostam e não se sentem motivados em ir à escola.

Com as respostas da questão acima conseguimos perceber que a desmotivação nem sempre se dá por fatores específicos das aulas de educação física, mas da escola como um todo. Assim, quando consideramos apenas as respostas sobre as aulas de educação física, percebemos que 166 estudantes (89%) se sentem motivados e 23 estudantes (12%) se sentem desmotivados. Quando perguntados se gostam de fazer as aulas de educação física: 64% responderam que gostam; 14% responderam que gostam na maior parte das

vezes; 11% gostam algumas vezes; 3% não gostam na maior parte das vezes; 1% não gostam das aulas de educação física. Com isso, é possível observar que a maior parte dos estudantes gosta das aulas de educação física.

Quando comparamos as respostas sobre a motivação e desmotivação na escola e nas aulas e EF, é possível perceber que a desmotivação para ir para à escola é maior do que as aulas de EF. Para alguns estudantes, portanto, as aulas de EF acabam sendo uma forma de motivação para ir para a escola. Isso nos ajudou a perceber que não se pode considerar a motivação nas aulas de EF como fator absoluto, sem considerar o fator escola.

Motivação e desmotivação nas aulas de EF: sobre os conteúdos de ensino

Quando o que está em questão é o conteúdo das aulas de EF é relevante sinalizar que, 80 estudantes (43%) responderam que o conteúdo preferido deles nas aulas de EF é o futsal. Em contrapartida, 60 estudantes (32%) responderam que o futsal é o conteúdo que menos gostam nas aulas de EF. Esses dados demonstram uma divergência de interesses em relação ao conteúdo futebol. Assim, ele é o mais amado e mais odiado nas aulas. É importante lembrar, entretanto, que o futebol é uma prática cultural amplamente popularizada no Brasil e que a sua presença na escola é fator de grande expectativa para aqueles que participam deste universo de prática e significação. Ainda no que se refere à motivação relacionada aos conteúdos de ensino é possível afirmar que o principal elemento citado pelos estudantes como fator motivador e/ou desmotivador é a atividade, o que já engloba a questão da subjetividade e, também, elementos de convenção social. Cerca de 43% dos estudantes se sentem motivados com as aulas de acordo com o conteúdo que é oferecido, ou seja, o conteúdo da aula é um dos motivos de interesse e, também, de desinteresse (40% se sentem desmotivados de acordo com o conteúdo).

Quando questionados sobre “Quais conteúdos você mais gosta de fazer nas aulas de educação física?”, tivemos as seguintes respostas: 80 citam futsal; 53 citam vôlei; 47 citam queimada; 23 citam polícia e ladrão; 22 citam jogos e brincadeiras; 12 citam handebol; 09 citam basquete; 08 citam todos; 05 citam danças; 03 citam lutas; 03 citam que não gostam de nenhum; 01 não tem preferidos; 01 cita corrida; 01 cita peteca Percebe-se que os esportes e jogos mais popularizados tendem a ser os mais citados como conteúdos que os estudantes mais gostam, porém eles também aparecem em grande quantidade na

questão 7 “Quais conteúdos você menos gosta de fazer nas aulas de educação física?”. Sendo as respostas: 60 citam futsal; 24 citam que não tem conteúdos que não gostam; 26 citam vôlei; 13 citam queimada; 16 citam basquete; 12 citam danças; 09 citam corrida e/ou atletismo; 06 citam conquista; 04 citam que não gostam de nenhum; 03 citam brincadeiras; 02 citam atividades que são em duplas ou trios; 03 citam esportes adaptados.

O conteúdo em si é algo que conta. Trata-se de um processo cultural e, assim, aprendemos a gostar e não gostar. Mas, o gosto individual acaba se tornando parte de uma construção coletiva. As práticas esportivas são influenciadas e atribuídas culturalmente a determinado público por conta de marcadores sociais. Quando se realiza uma análise cultural de cada país, por exemplo, é possível perceber os direcionamentos que são dados para determinado esporte. Um exemplo disso é o fato de que, ao contrário do que ocorre no Brasil, nos Estados Unidos, o futebol de campo é predominantemente atribuído ao feminino (lá o futebol americano é um esporte marcado para masculino).

O Brasil é considerado o país do futebol, mas esquecem de acrescentar que é apenas do futebol masculino, que recebe investimentos, valorização e visibilidade - o que influencia e afeta diretamente e indiretamente a educação física escolar e seu público. O vôlei também possui uma grande visibilidade no país, tanto pelas suas conquistas e grandes campeonatos, quanto pela democratização e facilidade de adoção nas escolas. Tais esportes, também, refletem nas respostas dos alunos sobre quais conteúdos eles mais gostam de praticar nas aulas de educação física.

Motivação e desmotivação nas aulas de EF: sobre as diferenças na participação de meninos e meninas

No decorrer da pesquisa observamos que poderia ser interessante abordar fatores de gênero, ou seja, tentar compreender se eles poderiam influenciar nos resultados de motivação e desmotivação nas aulas de educação física. Não aprofundamos muito sobre essa questão. Contudo, o nosso estudo exploratório trouxe alguns elementos para análise. Os dados da pesquisa mostraram que há uma divisão marcante de interesses de meninos e meninas na educação física: 53% das meninas alegam que a modalidade que menos gostam é o futsal e 75% dos meninos afirmam que o conteúdo que mais gostam é o futsal.

Enquanto a maioria das meninas revela estar no futsal/futebol os limites para a participação/motivação (“*futebol me desanima porque os meninos sempre querem jogar e acho chato*” – aluna do 8º ano), a maioria dos meninos têm opiniões divergentes (“*eu gosto muito de futebol porque eu jogo com meus amigos e melhoro minhas habilidades*” – aluno do 9º ano). Quando o conteúdo das aulas são esportes coletivos, portanto, as disputas e preferências são muito latentes. A generificação (que é um fator histórico-cultural) das práticas acaba fazendo parte do cotidiano da escola – o que está relacionado, também, à sociedade patriarcal em que a instituição está inserida.

No que se refere à relação estudante-estudante é possível perceber que se trata de um tema repleto de complexidade. Muitos estudantes se sentem desconfortáveis com as atitudes de seus colegas em relação às aulas, o que pode atrapalhar seu desenvolvimento e também envolvimento durante as aulas. Nas respostas dos sujeitos pesquisados a relação de amizade aparece em uma das maiores formas de motivação para as aulas de EF, além de que uma relação ruim aparece nas causas de desmotivação nas aulas de EF. Aqui a intervenção do professor e dinâmicas envolvendo colaboração são possibilidades para melhorar as relações entre os estudantes e fazer com que entendam sobre a importância de se ter uma relação respeitável e saudável.

Motivação e desmotivação nas aulas de EF: sobre a importância do professor

“Não sou muito fã de esportes. A aula tem um propósito bem legal e a professora é bem motivadora, porém só não gosto de esportes mesmo. Desculpa prof.” (aluna 8º ano).

“A professora que é animada e gente boa (te amo prof.). (aluna 8º ano)

“O conteúdo e todas as danças, coreografias e esportes, e a professora que é calma e sabe ensinar bem, mostrando interesse em ajudar a todos e nunca excluindo um aluno. (aluna 9º ano)

“O jeito que a professora faz as coisas acontecerem. (aluna 8º ano)

“É uma aula super inclusiva e descontraída, a professora sempre está nos motivando e ajudando. (aluno 9º ano)

A pesquisa mostrou que o professor possui importância nos processos de motivação, sendo um mediador essencial nessas relações. Contudo, ele não é um fator

determinante para a motivação dos sujeitos. Na questão “O que te deixa motivado para fazer as aulas de educação física?”, os estudantes responderam: 87 responderam que dependem das atividades que vão ser passadas no dia; 26 citam as amizades como motivação; 10 citam os pontos; 15 citam sair de sala de aula; 15 mencionam a professora como principal motivadora; 14 citam que melhora seu bem estar físico e mental, como relaxar a mente, desestressar; 08 citam que tudo os motiva; 04 citam diversão; 06 dizem que nada os motiva; 02 afirmam que não sabem; 02 citam ter aula na quadra coberta.

Um aspecto da pesquisa nos surpreendeu, entretanto, quanto aos aspectos desmotivadores da aula: “*falta de costume, porque era de costume os professores não darem aula ou não explicarem*”. O relato de um aluno cita os professores atuantes, mas não como motivadores, e sim como parte desmotivadora. Além da resistência à organização do ensino e ao aprendizado de determinadas práticas da cultura corporal de movimento, aqui pode também estar em questão a disputa dos estudantes por espaços de livre gestão dentro da escola.

Considerações Finais

Considerando as questões analisadas a partir do questionário é possível pontuar algumas reflexões. Os dados acima sinalizam: 1) por um lado a motivação dos estudantes para as aulas de EF e, por outro, considerável desmotivação para ir para a escola; 2) a importância dos conteúdos de ensino como fatores de motivação e desmotivação nas aulas; 3) o tensionamento e ambiguidade em torno do futebol (ele é o principal motivador; ele é o principal desmotivador); 3) a importância dos aspectos sócio culturais como fatores de influência na motivação de meninos e meninas para as aulas; 4) a

RC- Revista do Centro Pedagógico, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, v.00, n.00, p. 000-000, 2022 ISSN: DOI: link do DOI



importância das práticas docentes como fator de motivação e desmotivação para as aulas.

Os estudantes não são obrigados a gostar e se sentirem motivados em todas as aulas, porém eles precisam participar e entender o seu propósito no currículo escolar. A educação física é extremamente importante na observação, percepção e identificação das expressões corporais que os alunos trazem para a aula, já que é a única disciplina na qual

eles conseguem maior liberdade de movimentos.

A pesquisa foi de suma importância para ampliar a compreensão sobre os estudantes, analisando mais intimamente sobre o que os motiva e o que os desmotiva. De acordo com a pesquisa realizada, é possível afirmar que identificar e compreender melhor os estudantes, pode ampliar as possibilidades da ação docente. Segundo Rocha (2009), o conhecimento das razões da motivação para a participação nas práticas da EF assume um papel determinante a nível do processo de intervenção pedagógica dos professores junto dos alunos, visando a sua melhoria. Saber intervir é saber conhecer sua turma e suas especificidades. Martins Junior (2000) afirma que o professor de Educação Física deve estar conscientizado do seu papel de motivador e que as teorias do incentivo devem fazer parte da sua filosofia de ensino. Com isso, ele comprehende que parte do fator motivação é de responsabilidade do próprio professor. A maneira de visualizar os estudantes, suas necessidades, motivações, interesses e desenvolvimento são de suma importância para uma maior adesão às aulas educação física. Mas, o tema é mais complexo e exige uma abordagem que considere também fatores históricos e socioculturais mais amplos.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Alvoi. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. Espacios en Blanco. **Revista de Educación**, v. 21, p. 219-240, 2011.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física:" meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 491-501, 2011.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999.
- BERGAMINI, C. W. (1997). **Motivação nas organizações**. São Paulo: Atlas
- BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 27, p. 235-246, 2013.
- BONFIM, Tânia Regina. Corporeidade e educação física. **Revista Fafibe Online: Faculdades Integradas FAFIBE**. São Paulo, 2011.

BZUNECK, José Aloyseo; SALES, Karla Fernanda Suenson. Atribuições interpessoais pelo professor e sua relação com emoções e motivação do aluno. **Psico-usf**, v. 16, p. 307-315, 2011.

CARVALHO, M. M. C. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: CATANI, D. B. & SOUZA, C. P. (org.). **Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente** (II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação). São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, v. 1, p. 99-108, 1995.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura: polêmicas do nosso tempo**. Autores associados, 2018.

DAYRELL, J.T. A escola como espaço sócio-cultural. Belo Horizonte: **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**: UFMG, 1996.

DORNELLES, Priscila Gomes. **Distintos destinos?: a separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero**. 2007.

DORNELLES, Priscila Gomes. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 32, p. 187-198, 2012.

DORNELLES, Priscila Gomes. Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**, n. 37, p. 12-29, 2011.

DUTRA, Rinelly Pazinato et al. Desmotivação nas aulas de Educação Física, segundo os estudantes do 9º ano do ensino fundamental. **Revista Didática Sistêmica**, v. 18, n. 1, p. 70-78, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, v. 9, p. 30-42, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades**. Tempo, v. 19, p. 45-52, 2013.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Papirus Editora, 1994.

MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?. **Cadernos pagu**, p. 411-438, 2016.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno. **Revista da educação física**, v. 11, n. 1, 2000.

MOREIRA, Caroline Herzer, et al. "Motivação de estudantes nas aulas de educação física: um estudo de revisão." **Corpoconsciência** (2017): 67-79.

MOREIRA, Ana Elisa da Costa; OLIVEIRA, Katya Luciane de; SCACCHETTI, Fabio Alexandre Pereira. O processo de ensino e aprendizagem em questão: implicações metodológicas e motivacionais. **Educação unisinos**, v. 20, n. 1, p. 106-116, 2016.

NEVES, Angela Nogueira; HIRATA, Karina Mayumi; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Psicologia escolar e educacional**, v. 19, p. 97-104, 2015.

Rocha, Cláudia Christina Mendes. A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática de educação física escolar. Diss. **Universidade Técnica de Lisboa** (Portugal), 2009.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, 2002.

TODOROV, João Cláudio; MOREIRA, Márcio Borges. O conceito de motivação na psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 7, n. 1, p. 119-132, 2005.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernad; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em revista**, n. 33, p. 07-47, 2001.